

CAPÍTULO 29

AVALIAÇÃO DOS CAMARÕES SERGESTÍDEOS (DECAPODA: SERGESTIDAE)

Rogério C. Costa & Sabrina M. Simões

Palavras-chave: ameaça, extinção, impacto, Sergestidae.

Introdução

A superfamília Sergestoidea Dana, 1852, abrange os camarões da família Sergestidae Dana, 1852, e da família Luciferidae de Haan, 1849 (Pérez-Farfante & Kensley, 1997). Diferenciam-se dos camarões Penaeoidea por possuírem rostro menor que o pedúnculo ocular, por nunca apresentarem mais que 2 brânquias por somito torácico e nunca mais de 7 a 8 brânquias de cada lado do corpo. Por sua vez, a presença de brânquias nos Sergestidae os separa dos Luciferidae (Pérez-Farfante & Kensley, 1997). A família Sergestidae compreende 19 gêneros e 92 espécies válidas, que estão distribuídas nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico (Vereshchaka et al., 2014; Vereshchaka & Lunina, 2015; Vereshchaka et al., 2016). No Brasil, foram registradas 13 espécies de sergestídeos, sendo que quatro delas ocorrem em regiões costeiras (pertencentes aos gêneros *Acetes* e *Peisos*), e nove em regiões profundas (pertencentes aos gêneros *Sergia* e *Sergestes*) (D’Incao, 1998; Cardoso & Serejo, 2003; Cardoso & Tavares, 2006).

Durante as oficinas de avaliação do estado de conservação dos crustáceos do Brasil, realizadas em 2010 e 2013, foram avaliadas 2 espécies de sergestídeos: *Acetes americanus* Ortmann, 1893; e *Peisos petrunkevitchi* Burkenroad, 1945.

Em relação aos *Acetes* H. Milne Edwards, 1830, existem 14 espécies reconhecidas mundialmente, sendo que apenas três ocorrem no Atlântico Ocidental: *A. americanus*; *A. marinus* Omori, 1975; e *A. paraguayensis* Hansen, 1919 (Pérez-Farfante & Kensley, 1997). Em contrapartida, *Peisos petrunkevitchi* é monotípico e restrito ao sul do Atlântico Ocidental (De Grave & Fransen, 2011). No litoral brasileiro, esses gêneros são facilmente diferenciados devido à ausência dos 4° e 5° pares de pereópodes em *Acetes* e a redução dos mesmos em *Peisos* (Costa et al., 2003).

As espécies do gênero *Acetes* possuem grande importância econômica nos países asiáticos e africanos (Omori, 1975). Dentre as espécies de camarões que são responsáveis por 83% das capturas mundiais, *Acetes japonicus* Kishinouye, 1905, é o mais capturado em relação à biomassa (Gillett, 2008). Já o gênero *Peisos* não é significativo na pesca (Vereshchaka et al., 2016).

Os camarões *Acetes* habitam estuários e águas costeiras nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas de todo o mundo (Xiao & Greenwood, 1993). Eles são pequenos, transparentes ou semitransparentes, pelágicos e suas médias de comprimento são em torno de 10 a 40 mm (Omori, 1975). Os espécimes de *P. petrunkevitchi* também são pelágicos e pequenos, podendo atingir até 48 mm de comprimento total, são frequentes no litoral argentino em temperaturas de 8° a 24°C (Mallo & Boschi, 1982), bem como em regiões subtropicais e temperadas do sul do Brasil (Simões et al., 2013a).

De forma geral, os camarões sergestídeos têm um importante papel na cadeia alimentar marinha, principalmente em águas costeiras. No caso dos *Acetes*, estes ingerem uma grande variedade de itens alimentares, como diatomáceas e copépodes, e são predados pela água viva *Chiropsalmus quadrumanus* (Müller, 1859), por crustáceos, tais como o camarão *Pleoticus muelleri* (Spence Bate, 1888), bem como peixes cianídeos (Xiao & Greenwood, 1993; Nogueira Jr. & Haddad, 2008; Roux et al., 2009). Os espécimes de *P. petrunkevitchi* são predados por peixes e se alimentam por filtração, consumindo principalmente detritos e fitoplâncton, cujo ciclo reprodutivo ocorre também em águas costeiras (Mallo & Boschi, 1982).

Distribuição Geográfica

Os camarões cuja avaliação é apresentada aqui estão distribuídos somente no Atlântico Ocidental. *Acetes americanus* ocorre em Porto Rico, Panamá, Venezuela, Suriname, Guiana Francesa e Brasil (Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Já *P. petrunkevitchi* ocorre no Brasil (Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), Uruguai e Argentina (Mar del Plata e Chubut) (D’Incao e Martins, 2000).

Habitat e Ecologia

A ecologia dos camarões pelágicos é pobremente conhecida no Brasil devido ao pequeno tamanho dos animais, à falta de importância econômica e escassez de pesquisadores interessados no grupo. Tal fato é perceptível quando notamos a quantidade de estudos ecológicos efetuados até o momento no Brasil (Simões et al., 2013a; Santos et al., 2015) e, por outro lado, quando aparecem na literatura, são

trabalhos que envolvem, principalmente, a biodiversidade (D’Incao, 1998; D’ Incao & Martins, 2000; Costa et al., 2003; Fugimura et al., 2005; Coelho et al., 2006; Souza et al., 2011; Boos et al., 2012). Em campo, os autores observaram que esses animais muitas vezes são capturados com rede de arrasto camaroeiro, mas para estudos ecológicos esse não é o melhor método de amostragem, por causa do tamanho da malha (geralmente 18 mm entre nós) que permitem que muitos indivíduos escapem. Além disso, como esses camarões tem o habito pelágico, são capturados durante o recolher das redes, sem mencionar que muitos ficam presos e passam despercebidos.

A ecologia do camarão *P. petrunkevitchi* foi estudada no litoral argentino, onde esta espécie aparece com frequência (Mallo & Bochi, 1982) e no litoral brasileiro por Simões et al. (2013a). No litoral argentino, são mais abundantes em profundidades até os 20 metros (Mallo & Bosch, 1982) e, no litoral paulista, ocorrem a partir dos 9 até os 30 metros de profundidade (Costa et al., 2003; Simões et al., 2013a). *Peisos petrunkevitchi*, juntamente com *Artemesia longinaris* Spence Bate, 1888, e *P. muelleri*, quando capturados no sudeste brasileiro, indicam a presença da massa de água fria denominada Água Central do Atlântico Sul (ACAS), que proporciona uma diminuição significativa nos valores de temperatura, principalmente nos meses de verão (Costa et al., 2003; Simões et al., 2013a). Além disso, essa espécie prefere salinidades mais elevadas, comumente acima de 30 (Mallo & Bosch, 1982; Simões et al., 2013a).

Por outro lado, a ecologia de *A. americanus* foi estudada em Ubatuba/SP, por Simões et al. (2013a), e em Macaé/RJ, por Santos et al. (2015). A profundidade máxima registrada para essa espécie foi de 40 metros (Costa et al., 2003). Simões et al. (2013a) verificaram que a abundância de *A. americanus* diminui na proporção que a profundidade aumenta. Além disso, esses camarões preferem temperaturas mais altas (23,5 a 28,5°C) e foram coletadas em maior quantidade em locais com salinidades em torno de 28 a 30.

Portanto, enquanto há uma nítida preferência de *A. americanus* por menores profundidades e maiores temperaturas (23,5 a 28,5°C), a captura de *P. petrunkevitchi* no litoral paulista é uma indicação de baixas temperaturas, normalmente inferior a 20°C (Simões et al., 2013a). Em Ubatuba/SP, mesmo com a presença da ACAS em mar aberto e seu reflexo próximo à costa, os valores de temperatura em regiões rasas (menores que 15 m) são altos e dificilmente ultrapassam os 20°C. Portanto, mesmo durante os períodos em que a salinidade seja favorável ao estabelecimento dessa espécie, a temperatura pode explicar a ausência de *P. petrunkevitchi* abaixo dos 9 m de profundidade (Simões et al., 2013a). No entanto, *P. petrunkevitchi* é capturado em grande quantidade em baixas profundidades do litoral argentino, onde as temperaturas oceânicas são frias e não ultrapassam os 20°C e também em áreas próximas ao fenômeno da ressurgência no Brasil, cujas temperaturas chegam a ficar em torno de 18°C (Costa et al., 2011).

Um fator que influencia diretamente na ecologia dos camarões peneídeos é o

sedimento (Castilho et al., 2008). No entanto, como os sergestídeos não possuem o hábito de se enterrar, essa condição ambiental não interfere em sua distribuição espacial. Porém, em locais onde há fragmentos de algas, Simões et al. (2013a) verificaram uma maior abundância dessa espécie.

Biologia Geral

As fêmeas de sergestídeos são maiores do que os machos, portanto apresentam um dimorfismo sexual em relação ao tamanho (Simões et al., 2013b), similar ao observado para os camarões peneídeos (Boschi, 1969). O comprimento total de *A. americanus* coletados em Ubatuba/SP variou de 4,18 a 20,45 mm para as fêmeas e 5,74 a 17,36 mm para os machos (Simões et al., 2013b), e em Santos/SP variou de 17,0 a 19,5 mm para as fêmeas e 15,5 a 17,0 mm para os machos (Omori, 1975). Em Macaé/RJ, a média do tamanho total das fêmeas de *A. americanus* ($15,76 \pm 2,83$ mm) também foi maior do que dos machos ($14,35 \pm 2,79$ mm) (Santos et al., 2015). Esse dimorfismo também foi corroborado para a outra espécie de estudo, *P. petrunkevitchi*, cujo tamanho dos machos variaram de 10 a 30 mm de comprimento total e 11 a 38 mm para as fêmeas coletadas na região de Mar Del Plata, Argentina (Mallo & Boschi, 1982). Gab-Alla et al. (1990) e Heckler et al. (2013) apontaram que essa diferença no tamanho da carapaça em favor às fêmeas em várias espécies de Penaeidae está relacionada à maior produção de oócitos, uma vez que, a fecundação é externa.

As proporções de machos e fêmeas de sergestídeos diferem de 1:1, em favor das fêmeas (Xiao & Greenwood, 1993). A razão sexual tendendo para fêmeas foi notada para *A. americanus* em Ubatuba/SP (Simões et al., 2013b) e em Macaé/RJ (Santos et al., 2015). Resultados semelhantes foram encontrados para outras espécies de *Acetes* (Oh & Jeong, 2003; Amin et al., 2009a,b). Essa relação também foi corroborada por Mallo e Boschi (1982), cujas coletas resultaram em 3.450 fêmeas e 1.161 machos de *P. petrunkevitchi*. Essa diferença pode estar relacionada ao comportamento de aglomerado exibido pelas fêmeas durante o período de desova (Oh & Jeong, 2003). Johnson (2003) sugere que a taxa diferencial de mortalidade entre os sexos e a diminuição diferencial de gametas podem influenciar também nessa proporção. Além disso, a baixa constante de crescimento que resulta em fêmeas maiores quando comparadas aos machos, podem deixá-las mais suscetíveis à captura por redes de pesca (Simões et al., 2013b; Santos et al., 2015).

O ciclo de vida dos peneídeos dura aproximadamente 1-2 anos (Heckler et al., 2013), mas a longevidade do *Acetes* é geralmente menor, porque as espécies possuem menores tamanhos (Amin et al., 2009a). Os resultados de Simões et al. (2013b) suportam essa teoria, juntamente com os resultados apresentados por Yoshida (1949), Oh & Jeong (2003), que calcularam um ciclo de vida para *A. chinensis* por ser cerca de um ano. Mallo e Boschi (1982) também inferiram uma longevidade de 12

a 15 meses para o camarão *P. petrunkevitchi*, incluindo 40 dias de desenvolvimento larval.

O desenvolvimento larval dos sergestídeos é do tipo completo (Mallo & Boschi, 1982). *Acetes americanus* foi estudado por Oshiro e Omori (1996), no estado do Paraná, Brasil, e os estágios larvais descritos por esses pesquisadores foram: Nauplius, I a VI; protozoa, I a III; misis, I a II, e pós larva, I e II. Já o desenvolvimento larval de *P. petrunkevitchi* foi descrito por Mallo e Boschi (1982), contendo a larva nauplius com 4 subestágios, protozoa com 5 subestágios, misis com 1 subestágio e pós larvas com 4 a 5 subestágios.

Ao longo do litoral brasileiro, a taxa de captura entre *A. americanus* e *P. petrunkevitchi* é diferencial. A média de captura de *A. americanus* é de 4,75 ind./m² em Ubatuba/SP (Simões et al., 2013a) e 1,35 ind./m² em Macaé/RJ (Costa et al., 2011). Já para *P. petrunkevitchi*, em Ubatuba/SP, observou-se uma captura mais baixa de camarões, ou seja, 0,85 ind./m² (Simões et al., 2013a).

Ameaças e Usos

Ambas espécies aparecem esporadicamente como captura incidental na pesca de arrasto camaroeiro na região costeira, sendo *A. americanus* capturados comumente durante a pesca de *Xiphopenaeus kroyeri* (camarão sete-barbas) (Heller, 1862) e *P. petrunkevitchi*, principalmente nas capturas de *P. muelleri* (camarão-santana) e *A. longinaris* (camarão barba-ruça), mas essa ameaça não é significativa para o estado de conservação das espécies.

Nos países africanos e asiáticos, algumas espécies de *Acetes* possuem grande importância econômica, pois são utilizados como alimento na aquicultura e também para o consumo humano (Omori, 1975). No Brasil, há uma captura direcionada a representantes sergestídeos na região norte, onde são comercializados secos e salgados em grandes mercados como Ver-o-Peso, em Belém/PA. Embora não seja aparentemente direcionada à espécie *A. americanus* pode se tornar uma ameaça.

Ações de Conservação

Não existem medidas de conservação direcionadas a essas espécies. Indiretamente, o período de defeso e as áreas de exclusão à pesca de arrasto de fundo beneficiam essas espécies.

Pesquisas Necessárias

Tornam-se imprescindíveis pesquisas destinadas aos Sergestidae sobre todos os aspectos de sua biologia, principalmente no norte do Brasil, onde representantes dessa família são comercializados. Provavelmente é possível que não se saiba qual a real riqueza de espécies ocorrentes no litoral brasileiro dado a escassez de estudos até o momento.

Bibliografia

- Amin, S.M.N.; Arshad, A.; Bujang, J.S. & Siraj, S.S. 2009a. Age structure, growth, mortality and yield-per-recruit of sergestid shrimp, *Acetes indicus* (Decapoda: Sergestidae) from the coastal waters of Malacca, Peninsular Malaysia. *Journal of Applied Sciences*, 9: 801-814.
- Amin, S.M.N.; Arshad, A.; Bujang, J.S.; Siraj, S.S. & Goddard, S. 2009b. Reproductive biology of the sergestid shrimp *Acetes indicus* (Decapoda: Sergestidae) in Coastal Waters of Malacca, Peninsular Malaysia. *Zoological Studies*, 48: 753-760.
- Boos, H.; Buckup, G.B.; Buckup, L.; Araújo, P.B.; Magalhães, C.; Almerão, M.P.; Santos, R.A. & Mantelatto, F.L. 2012. Checklist of the Crustacea from the state of Santa Catarina, Brazil. *Check List*, 8(6): 1020-1046.
- Boschi, E.E. 1969. Crecimiento, migracion y ecologia del camaron comercial *Artemesia longinaris*, Bate. *FAO Fisheries Report*, 57(3): 833-846.
- Cardoso, I.A. & Serejo, C.S. 2003. Sergestidae (Crustacea, Dendrobranchiata) from the southwestern Atlantic, collected by the REVIZEE Program. *Boletim do Museu Nacional*, 512: 1-15.
- Cardoso, I.A. & Tavares, C.R. 2006. Three new occurrences of Sergestidae (Dendrobranchiata) for the Southwestern Atlantic slope (13°-22°S). *Nauplius*, 14(1): 9-17.
- Castilho, A.L.; Pie, M.R.; Franzoso, A.; Pinheiro, A.P. & Costa, R.C. 2008. The relationship between environmental variation and species abundance in shrimp community (Crustacea: Decapoda: Penaeoidea) in south-eastern Brazil. *Journal of the Marine Biological Association*, 88(1): 119-123.
- Coelho, P.A.; Almeida, A.O.; Souza-Filho, J.F.; Bezerra, L.E.A. & Giraldez, B.W. 2006. Diversity and distribution of the marine and estuarine shrimps (Dendrobranchiata, Stenopodidea and Caridea) from North and Northeast Brazil. *Zootaxa*, 1221: 41-62.
- Costa, C.H.; Santos A.P.F. & Costa, R.C. 2011. Abundância e distribuição temporal de *Peisos petrunkevitchi* Burkenroad, 1945 (Decapoda, Sergestidae), na região de Macaé, Rio de Janeiro, Brasil. In: *Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP (SICUSP)*.

- Costa, R.C.; Fransozo, A.; Melo, G.A.S. & Freire, F.A.M. 2003. An illustrated key for Dendrobranchiata shrimps from the northern coast of São Paulo State, Brazil. *Biota Neotropica*, 3(1): 1-12.
- De Grave, S. & Fransen, C.H.J.M. 2011 *Carideorum catalogus: the recent species of the dendrobranchiate, stenopodidean, procarididean and caridean shrimps*. *Zoologische Mededelingen*, 89(5): 195-589.
- D’Incao, F. 1998. Malacostraca. Eucarida. Dendrobranchiata. In: P.S. Young, (ed.), *Catalogue of Crustacea of Brazil, Série Livros n. 6*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, p. 311-321.
- D’Incao F. & Martins, S.T.S. 2000. Brazilian species of the genera *Acetes* H. Milne Edwards, 1830 and *Peisos* Burkenroad, 1945 (Decapoda: Sergestidae). *Journal of Crustacean Biology*, 20(5): 78-86.
- Fugimura, M.M.S.; Oshiro, L.M.Y. & Silva, R. 2005. Distribuição e abundância das famílias Luciferidae e Sergestidae (Crustacea, Decapoda, Natantia) na baía de Sepetiba, Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Universidade Rural*, 25(2): 52-59.
- Gab-Alla, A.A.F.A.; Hartnoll, R.G.; Ghobashy, A.F. & Mohammed, S.Z. 1990. Biology of penaeid prawns in the Suez Canallakes. *Marine Biology*, 107: 417-426.
- Gillet, R. 2008. *Global study of shrimp fisheries*. FAO Fisheries Technical Paper. No. 475, FAO, Rome. 331p.
- Heckler, G.; Simões, S.M.; Santos, A.P.F.; Fransozo, A. & Costa, R.C. 2013. Population dynamics of the seabob shrimp *Xiphopenaeus kroyeri* (Dendrobranchiata, Penaeidae) in a south-eastern region of Brazil. *African Journal of Marine Science*, 35(1): 17-24.
- Johnson, P.T.J. 2003. Biased sex ratios in fiddler crabs (Brachyura. Ocypodidae): a review and evaluation of the influence of sampling method, size class and sex-specific mortality. *Crustaceana*, 76(5): 559-580.
- Mallo, J.C. & Boschi, E.E. 1982. Contribución al conocimiento del ciclo vital del camarón *Peisos petrunkevitchi* de la región de Mar del Plata, Argentina (Crustacea, Decapoda, Sergestidae). *Physis*, 41(100): 85-98.
- Nogueira Jr., M. & Haddad, M.A. 2008. The diet of cubomedusae (Cnidaria, Cubozoa) in southern Brazil. *Brazilian Journal of Oceanography*, 56: 157-164.
- Pérez-Farfante, I. & Kensley, B. 1997. Penaeoid and Sergestoid shrimps and prawns of the world: keys and diagnoses for the families and genera. *Mémoires du Muséum National d’Histoire Naturelle*, 175: 1-233.
- Oh, C.W. & Jeong, I.J. 2003. Reproduction and population dynamics of *Acetes chinensis* (Decapoda: Sergestidae) on the western coast of Korea, Yellow Sea. *Journal of Crustacean Biology*, 23: 827-835.
- Omori, M. 1975. The systematics, biogeography, and fishery of epipelagic shrimps of the genus *Acetes* (Crustacea, Decapoda, Sergestidae). *Bulletin of the Ocean Research Institute University of Tokyo*, 7: 1-91.
- Oshiro, L.M.Y. & Omori, M. 1996. Larval development of *Acetes americanus* (Decapoda: Sergestidae) at Paranagua and Laranjeiras Bays, Brazil. *Journal of*

- Crustacean Biology, 16 (4): 709-729.
- Roux, A.; Piñero, R., Moriondo, P. & Fernández, M. 2009. Diet of the red shrimp *Pleoticus muelleri* (Bate, 1888) in Patagonian fishing grounds, Argentina. *Revista de Biología Marina y Oceanografía*, 44: 775-781.
- Santos, A.P.F; Simões, S.M.; Bochini, G.L; Costa, C.H. & Costa, R.C. 2015. Population parameters and the relationships between environmental factors and abundance of the *Acetes americanus* shrimp (Dendrobranchiata: Sergestidae) near a coastal upwelling region of Brazil. *Brazilian Journal of Oceanography*, 63(3): 229-238.
- Simões, S.M.; Castilho, A.L.; Fransozo, A.; Negreiros-Fransozo, M.L. & Costa, R.C. 2013a. Distribution related to temperature and salinity of the shrimps *Acetes americanus* and *Peisos petrunkevitchi* (Crustacea: Sergestoidea) in the south-eastern Brazilian littoral zone. *Journal of the Marine Biological Association*, 93(3): 753-759.
- Simões, S.M.; D'Incao, F.; Fransozo, A.; Castilho, A.L. & Costa, R.C. 2013b. Sex ratio, growth and recruitment of the pelagic shrimp *Acetes americanus* on the southeastern coast of Brazil. *Journal of Crustacean Biology*, 33: 1-9.
- Souza, J.A.J; Schwamborn, R.; Barreto, A.V.; Farias I.D.; Fernandes, L.M.G & Coelho, P.A. 2011. Marine and estuarine shrimps (Dendrobranchiata, Stenopodidea, and Caridea), of Pernambuco State (Brazil) and Northeastern Brazilian oceanic Islands. *Atlântica*, 33(1): 33-63.
- Vereshchaka A.; Olesen J. & Lunina A. 2014. Global diversity and phylogeny of pelagic shrimps of the former genera *Sergestes* and *Sergia* (Crustacea, Dendrobranchiata, Sergestidae), with definition of eight new genera. *PLoS ONE*, 9: e112057.
- Vereshchaka A. & Lunina A. 2015. Phylogeny and taxonomy of the enigmatic genus *Petalidium* (Decapoda, Sergestidae), with biological remarks. *Zoological Journal of the Linnean Society*, 174: 459-472.
- Vereshchaka A.; Lunina A.A. & Olesen J. 2016. Phylogeny and classification of the shrimp genera *Acetes*, *Peisos*, and *Sicyonella* (Sergestidae: Crustacea: Decapoda). *Zoological Journal of the Linnean Society*, 177: 353-377.
- Xiao, Y. & Greenwood, J.G. 1993. The biology of *Acetes* (Crustacea, Sergestidae). *Oceanography and Marine Biology: An Annual Review*, 31: 259-444.
- Yoshida, H. 1949. On the life history of *Acetes japonicus* Kishinouye. *Journal of the Shimonoseki College of Fisheries*, 1: 51-55.

Espécies Avaliadas no Processo Conduzido pelo ICMBio

Disponível em www.icmbio.gov.br/cepsul

***Acetes americanus* Ortmann, 1893**

Categoria e critério da avaliação: LC

Justificativa: *Acetes americanus* é uma espécie pelágica, amplamente distribuída no Atlântico Ocidental, até os 40 m de profundidade. No Brasil, ocorre desde o Pará até o Rio Grande do Sul. Embora possa ser capturada incidentalmente na pesca de arrasto de outros camarões e haja consumo de espécimes do mesmo gênero no Norte do país, estas não foram consideradas ameaças significativas à espécie. Portanto, *A. americanus* foi categorizada como Menos Preocupante – LC.

***Peisos petrunkevitchi* Burkenroad, 1945**

Categoria e critério da avaliação: LC

Justificativa: *Peisos petrunkevitchi* é uma espécie pelagica que ocorre no Sul do Atlântico Ocidental desde o Rio de Janeiro até Chubut (Argentina), em profundidades até 50m, mas frequentemente são capturadas entre 10 e 30m. A espécie está associada às correntes de águas frias, principalmente à Água Central do Atlântico Sul (ACAS). Embora seja capturada incidentalmente na pesca de arrasto costeiro, essa ameaça não é significativa à espécie. Portanto, *Peisos petrunkevitchi* foi categorizada como Menos Preocupante – LC.

Prancha I



Acetes americanus Ortmann, 1893
Foto: Adilson Fransozo



Peisos petrunkevitchi Burkenroad, 1945
Foto: Adilson Fransozo